

DOM LUCIANO PEDRO MENDES DE ALMEIDA: MEMÓRIA, TESTEMUNHO E REPROPOSTA DA CARIDADE COMO CENTRO DA VIDA CRISTÃ

Darci Fernandes Leão*

Resumo: Todo homem pela sua liberdade e capacidade de transcender-se, não é um inexorável fruto do seu ambiente vital. Porém, a compreensão da realidade na qual se vive ou viveu pode facilitar o caminho de uma interpretação mais ampla e profunda de algumas atitudes e opções de alguém. Tentando perceber alguns pontos, experiências e acontecimentos que, possivelmente, mesmo de maneira indireta, poderão ter servido de sinais e impulsos a Dom Luciano no desenvolvimento e no modo como praticou a fé cristã, podemos dizer que ele, aprendeu muito com a sua família, com a Companhia de Jesus e com os pobres.

Palavras-chave: Memória; Testemunho; Caridade.

Riassunto: Ogni uomo, per la sua libertà e capacità di trascendere se stesso, non è un frutto inesorabile del suo ambiente vitale. Tuttavia, la comprensione della realtà in cui si vive o si è vissuto può agevolare il percorso per una interpretazione più ampia e più profonda delle proprie attitudini e opzioni. Osservando alcuni elementi, esperienze ed eventi che probabilmente, anche se di maniera indiretta, hanno servito da segni e hanno incoraggiato a Mons. Luciano nello sviluppo e nel modo in cui ha praticato la fede cristiana, possiamo dire che egli ha imparato molto dalla sua famiglia, dalla Compagnia di Gesù e dai poveri.

Parole chiave: Memoria; Testimonianza; Carità

1. LIÇÕES APRENDIDAS PELO AMOR

1.1 Com a família

Os pais de Dom Luciano eram católicos, portadores de valores que favoreceram e promoveram, em muito, a sua busca constante do amor, com um sentido profundo e verdadeiro de caridade e justiça.

O modo como os pais agem, vivem e procuram educar seus filhos pode interferir diretamente na maneira como o filho irá escolher e determinar a sua escala de valores. Vale perceber a percepção do próprio Dom Luciano em relação à sua família.

Meu pai era um homem afeito ao trabalho, não me recordo de que tivesse alguma vez tirado férias. Dividia seu tempo entre a dedicação à Academia de Comércio da Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas da Faculdade de Direito. Essas ocupações absorviam, não raro, as horas da noite. Minha mãe

* Darci Fernandes Leão é presbítero da Arquidiocese de Mariana. Graduação em Filosofia pela FDLM, mestrado e doutorado pela Pontifícia Universidade Lateranense de Roma – Academia Alfonsiana. Pe. Darci é o primeiro a defender uma tese de doutorado em Dom Luciano em teologia moral, com o tema: “Caridade e justiça em Dom Luciano: uma interpretação teológico-moral de sua vida e de seus escritos”.

aguardava sempre sua volta, para servir-lhe o jantar, descansar um pouco e, cedinho, ir todos os dias à Missa, antes que meu pai retornasse às atividades (ALMEIDA, 1995a, p. 2).

Continuando sua descrição, particularmente, sobre o viver de sua mãe, acrescenta:

Formou-nos assim, no amor e respeito a Deus. Estendeu seu zelo para além da família, assumindo com alegria por quase cinquenta anos, o ensino religioso nas escolas públicas do bairro e no colégio Jurema. Após o falecimento do meu pai, dedicou-se também à formação de adultos na paróquia (ALMEIDA, 2001, p. 18-19).

Outro gesto marcante de sua mãe, a ponto dele citá-lo, por ocasião do centenário do nascimento da mesma, indica que não só ele lhe foi sempre grato pelas lições aprendidas, mas que ela foi para ele uma verdadeira mestra no ofício da caridade.

Sua misteriosa força vinha da oração. Tinha se submetido a uma delicada operação para extrair um tumor no cérebro. Durante a convalescência viajei para visitá-la. Cheguei em casa de madrugada e, sem bater à porta entrei no quarto. Foi quando a vi ajoelhada, com os braços abertos, rezando o rosário. Mãe, disse-lhe, por favor, descanse. Ela me olhou e, como que se desculpendo, respondeu, é pelos outros. Mostrava, assim, que pelos outros, não havia limite na doação (ALMEIDA, 2001, p. 19).

Essa visão que Dom Luciano deixa transparecer de seus genitores, em especial, a fé que eles tinham em Deus, testemunhada pela constante participação de ambos na Eucaristia, a dedicação ao trabalho e a sensibilidade para com os mais sofridos, nos leva a intuir o seu aprendizado com eles. Sem dúvida, a família é fundamental, pois nela se pode aprender desde cedo alguns valores essenciais para vida, que acompanharão o indivíduo por toda a sua existência.

Dom Luciano foi o segundo filho de uma família de sete irmãos, dentre os quais, cinco deles homens: Cândido Mendes, Reitor da Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, e membro da Academia Brasileira de Letras; Luciano, o Bispo; Luiz Fernando, Antônio Luiz e João Theotônio, este último falecido em 1971; e duas mulheres: Eliza Maria, falecida em 2006, e Maria da Glória (SIMÕES, 2009, p. 27-28). Por todos eles Dom Luciano nutria grande carinho e admiração. No entanto, pela sua fé e responsabilidade, com o tempo, ele amadureceu a consciência de que a sua família não era somente mais aquela biológica. Ela se alargou devido aos laços de amizade, de amor e de compaixão com os sofredores.

Minha família, porém, não é só esta. Hoje ela é constituída por muitas pessoas, que pertencem ao mesmo âmbito e amizade de amor. Não só os coirmãos jesuítas, os membros das Arquidioceses de São Paulo e Mariana, mas também muitos pobres que neste momento tenho diante dos meus olhos com seus rostos sofridos, vítimas da fome e da injustiça social, mas tão carinhosamente ligados à minha vida (DONEGANA; DIAS, 2001, p. 20).

Com a vivência e os exemplos de caridade de seus pais, sobretudo, os praticados pela sua mãe, que além de exercitá-los no âmbito familiar da consanguinidade, estendia com frequência sua ação caritativa aos mais carentes, indo ao encontro de tantos sofredores em vários lugares, é fácil deduzir e conjecturar o quanto o exemplo de seus genitores tenha ajudado a inspirar a vida e o ministério de Dom Luciano que também não conhecia limites geográficos, sociais, religiosos e muito menos familiares para viver o amor e fazer o bem.¹ Certa vez, ao ser perguntado se tinha conselheiros, elencou alguns importantes e fez questão de mencionar, agradecido, os conselhos que recebia da sua própria família.

Quero me referir também aos conselhos que recebi da minha família, sobretudo da minha mãe, que sempre esteve na minha vida e me fez muito bem com a sua palavra lúcida. Até recentemente, com meus irmãos e irmãs que me pediram conselho, na transparência, na simplicidade da partilha, sempre aprendi junto com eles. [...] Fizeram-me bem as conversas com minha irmã Elisa. [...] O relacionamento com a minha família é uma espécie de conselho permanente. O meu sacerdócio, o meu ministério episcopal, eu o cumpro em nome deles, com a ajuda deles, com a determinação de um serviço que é feito por um só, mas em união com a família (OLIVERO, 2002, p. 45-46).

1.2 Com a Companhia de Jesus

Dom Luciano, fiel seguidor de Santo Inácio, não só tomou conhecimento do objetivo dessa Companhia, mas o assimilou profundamente, colocando-o em prática por toda sua vida.

Uma das iniciativas de Inácio de Loyola depois da sua conversão foi reunir e formar um grupo de amigos com quem pudesse partilhar seus ideais, sua experiência de amor, de serviço e de vida espiritual (COPPI; HEERDT, 1998, p. 16). A partilha inaciana da experiência de servir a Jesus, no amor incondicionado, encantou muitas pessoas e ao longo da história despertou tantas pessoas para a missão e a consagração total de suas vidas em favor do Reino de Deus.

¹ Sobre esta temática, ver: ALMEIDA, no “Programa Roda viva”, disponível em <<http://www.rodaviva.fapesp.br>>. Acessado em 01 de junho de 2013.

A descoberta de poder corresponder ao amor de Deus, pela promoção da justiça e atuação da caridade em favor do próximo, marcou profundamente sua vida, tanto que em 1947 entrou para o noviciado, onde fez a experiência dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, durante trinta dias. Assim, Dom Luciano iniciava, pela abertura da mente e do coração, um longo caminho de aprendizado na Companhia de Jesus. Segundo Pe. Gonzáles Quevedo, a chave para a compreensão do que Dom Luciano aprendera de Santo Inácio na Companhia de Jesus, como o amor a Cristo, a devoção a Nossa Senhora, o amor à Igreja e o zelo apostólico, passa, sem dúvida, pela experiência dos Exercícios Espirituais (QUEVEDO, 2007, p. 22).

Essa afirmação foi constatada e partilhada por seus companheiros de noviciado que perceberam a grande mudança que os primeiros Exercícios Espirituais operaram em Luciano, ainda como jovem noviço.

Um de seus colegas, que com ele entrou para o noviciado, aos três de março de 1947, assim declarou:

Foram os Exercícios Espirituais de Santo Inácio, feitos quando ele ainda tinha 17 anos, que transformaram o noviço Irmão Luciano Mendes de Almeida no mais pobre dos servos e no mais servo dos pobres. Foi naquele momento, um ano e meio antes dos votos religiosos, que o irmão Luciano fez um voto pessoal de despojamento de todos os bens terrenos e de total esquecimento de si mesmo em prol do amor ao próximo, principalmente aos mais carentes e abandonados (SIMÕES, 2009, p. 32).

Outro testemunho que revela o quanto Dom Luciano aprendeu com a Companhia de Jesus é descrito pelo professor Pedro Paulo Cristovam dos Santos, com quem conviveu nas várias etapas de sua formação jesuítica. O parecer desse professor indica uma chave de compreensão de Dom Luciano que se deixou imbuir profundamente da espiritualidade inaciana.

O princípio e fundamento dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio, louvar, reverenciar e servir a Deus nesse mundo, iluminou intensamente o espírito de Luciano para tornar-se um *Alter Christus*, desprendido de tudo e de todas as afeições mundanas da riqueza, do prazer e do poder para amar ao próximo mais do que a si mesmo (SANTOS, 2001, p. 33-34).

Essa citação confirma que as lições de desprendimento e amor aprendidas por Dom Luciano, por meio da espiritualidade da Companhia de Jesus, desde o tempo de seu

noviciado e posteriormente por ele assumidas e amadurecidas, continuaram a orientá-lo por toda sua existência.

O próprio Dom Luciano, em 3 de maio de 2006, por ocasião da recepção do título honorário de doutor em Teologia,² lembrou-se de uma frase que lhe havia sido dita em um retiro espiritual, que o marcou profundamente para uma tomada de decisão e adesão total a serviço do Reino de Deus. “Fui introduzido na Companhia pelo Pe. Leonel Franca, que dizia assim: Com o Absoluto não se regateia. Quem não dá tudo, não dá nada. Isso marcou muito a minha vida” (ALMEIDA, 2007, p. 45).

1.3 Com os pobres e injustiçados

Como vocacionado e pela firme decisão em se tornar discípulo verdadeiro de Jesus, desde o tempo do seu noviciado, procurou assimilar bem e viver na radicalidade os ensinamentos cristãos. Dom Luciano viveu esse compromisso de forma simples, autêntica e discreta. Em Roma, para onde foi enviado para cursar Teologia, deparou-se com uma realidade tão sofrida que marcou para sempre sua vida. Encontrou em plena Roma, cidade importante do cristianismo, onde existiam tantas igrejas e comunidades religiosas, possuidora de grandes valores cristãos, muitos jovens que viviam em situações desumanas e de enorme degradação.

Do contato e trabalho com esses jovens, confinados nessa triste realidade, e pela impressão que lhe causou, pode-se afirmar que tal experiência fora realmente muito forte para o ainda estudante Luciano.

Como posso ficar estudando, me diplomando, gozando de todas as oportunidades de uma formação quase privilegiada, e ao mesmo tempo saber que esses quase duzentos jovens estão trancados entre muros altíssimos, sem ver a luz do sol, com guardas que, frequentemente, espancam aqueles que, em seus confrontos, assumem comportamentos agressivos e violentos, sobretudo quando sei que um deles foi morto na *Via di Porta Portese*, porque se comportava de maneira agressiva e se impunha aos demais companheiros (OLIVERO, 2002, p. 28).

² O título de *Doctor honoris causa* em Teologia foi conferido a Dom Luciano há poucos meses antes de seu falecimento pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia conhecida como a FAJE, em Belo Horizonte MG (PAUL, 2007, p. 8).

As experiências pastorais, vividas pelo estudante Luciano, no *Instituto Gabelli*,³ já nos mostram sua disposição em se colocar no lugar do outro para compreendê-lo. Somente um olhar de amor é capaz de estabelecer verdadeira comunicação a serviço do mais frágil.

Com esse trabalho pastoral se conscientizou, aos poucos, de que não é fácil falar e ser compreendido por pessoas discriminadas, abandonadas pelos pais, que vivem sem nenhuma esperança e não acreditam mais na possibilidade de um amor gratuito. Certa vez, pela vontade de ajudar, movido unicamente pela força do amor, Dom Luciano, no *Gabelli*, colocou-se literalmente no lugar do outro para estabelecer um diálogo restaurador:

Entrei num dos dormitórios onde estava encerrada uma dezena de rapazes. Devia dar uma lição de catecismo. Não vi ninguém, mas tinha certeza de que estavam lá. Adivinhei por causa de alguns ruídos, que estavam embaixo das camas, escondidos pelas colchas. Como podia eu ensinar religião a quem nem sequer tinha vontade de sair para mostrar-se? Na melhor das hipóteses, eu me enfió aí embaixo, pensei comigo mesmo e assim fiz. Eu estava de batina. Eles se puseram a rir. Aos poucos foram saindo. Tornamo-nos amigos e mais facilmente pude dialogar com eles (OLIVERO, 2002, p. 29).

Outro fato que fez Dom Luciano se convencer dos valores da gratuidade e do amor presentes no coração de todos, inclusive, no coração de muitos jovens, tratados por alguns como irrecuperáveis, deu-se a ele, do seguinte modo:

Uma vez no Natal, fui ao Gabelli. Sozinho, pois já era conhecido. Uns sessenta rapazes me comprimiram contra a parede de uma sala escura. Meu Deus, o que querem fazer? Em que vai dar isso? Parece-me uma verdadeira rebelião, pensava eu. Mas não percebia maldade em seus olhares. Eu não podia escapar, estava encurralado. Um deles tirou do bolso um pedaço de *torrone* de Natal. Você deve comer aqui, diante de nós, senão, se o guardar no bolso, vai doá-lo a outro (OLIVERO, 2002, p. 29).

Esse fato foi suficiente para Dom Luciano aprender que no coração daqueles jovens havia muita bondade, generosidade e gratuidade. Enfim, havia grande capacidade de

³ O Instituto *Gabelli*, hoje desativado, tinha como objetivo recuperar jovens infratores em Roma, mas com frequência se tornava teatro de torturas e mortes. Esse Instituto era localizado e funcionava em um prédio vizinho a *Porta Portese*, uma das antigas portas de Roma. O próprio Dom Luciano narra como conheceu e funcionava o referido Instituto: “Eu chegara a Roma em novembro, um mês depois do início das aulas na Gregoriana; fui convidado a acompanhar Sauro De Luca e outros estudantes do primeiro e do segundo ano de teologia na assistência ao *Instituto Gabelli*, uma casa de correção de menores, onde cerca de duzentos jovens cumpriam suas penas. Viviam ali num edifício velho e grande, que não fora construído para essa finalidade” (OLIVERO, 2002, p. 27).

compreensão dos valores da vida. Isso o levou também a entender que institutos daquele tipo eram prisões e que os métodos educativos aplicados eram severamente injustos.

O contato com esses jovens, presos em Roma, propiciou a Dom Luciano a descoberta do sentido para o seu sacerdócio que o direcionou, cada vez mais, para o serviço constante na caridade e na busca incansável da promoção da justiça conforme seu próprio relato: “Na *Via di Porta Portese*. Ali encontrei a indicação para o meu ministério [...]. Entendi que o sacerdote é ordenado antes de tudo para aqueles que têm necessidade maior da presença do Senhor Jesus” (OLIVERO, 2002, p. 30-31).

De fato, quando acontece a graça da mudança do modo de percebermos o pobre, que muitas vezes é considerado como miserável por nós, podemos, de fato, aprender muito!

Segundo Dom Luciano, os pobres nos ensinam o valor das pessoas, tornam-se nossos mestres, pois nos ensinam a colocar em segundo plano a civilização de consumo, do ter e do possuir. Eles se mantêm vivos, porque são capazes de partilhar com os outros seus sofrimentos e alegrias. Isso deveria nos motivar. Nós, que temos tanta coisa, poderíamos aprender com eles a partilhar. Eles são felizes na pobreza, porque são capazes de viver em profundidade o seu amor que se faz partilha e solidariedade. A pessoa não consegue ser feliz se não aprende a partilhar com quem necessita aquilo que possui. Se não partilhamos aquilo que Deus nos deu é porque nos falta o amor e, sem amor, não se é feliz. A situação de alguém na miséria deve nos questionar muito e nos mover. Referindo-se ainda aos jovens presos no *Gabelli*, disse:

Eu nunca havia pensado que pudéssemos aprender tanto dos pobres. Somente depois de alguns anos entendi que eles são nossos mestres, realmente, porque nos ensinam a descobrir a grande capacidade de amar que existe em cada coração humano. Nunca teria pensado que fosse preciso despojar-se de tantas coisas para descobrir, com a simplicidade de uma criança, o que é o coração humano. Coração que foi feito à semelhança de Deus, para amar e ser amado; não para possuir coisas, menos ainda para nos tornar egoístas diante da vida, fechar-nos em nós mesmos, rejeitando os sofrimentos alheios (OLIVERO, 2002, p. 62-63).

Dom Luciano aprendeu muito com os pobres, porque soube desapegar e ser solidário com eles e, assim, ele também nos ensina com o seu gesto o modo próprio de ser feliz. Mesmo na dor, no sofrimento, e em situações de carências extremas, basta ver e valorizar o que há de mais profundo em nossa vida: o amor que vem de Deus e que se comunica a todo

instane por meio da vida daqueles que sabem amar os irmãos com quem partilham a alegria da existência.

2. ACONTECIMENTOS PARADIGMÁTICOS

Se a experiência pastoral no *Instituto Gabelli* foi o ponto inicial e determinante para que Dom Luciano encontrasse o sentido e a orientação para viver o seu ministério sacerdotal com uma atenção especial aos injustiçados, perseguidos, doentes e sofredores, pode-se destacar pelo menos mais três acontecimentos que não apenas demonstram sua fidelidade ao ministério, mas o amadurecimento e a convicção de que quando o amor se atualiza na caridade, a justiça acontece e a vida humana se torna plena.

2.1 Participação no funeral de Santo Oscar Romero

Na época em que foi assassinado o arcebispo de São Salvador, Santo Oscar Arnulfo Romero, Dom Luciano, que já fazia parte da secretaria da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), foi enviado para participar do funeral desse arcebispo. Dom Luciano foi um dos poucos Bispos que participou da Missa de corpo presente desse arcebispo e narrou as marcas da violência que se impuseram naquela ocasião. “Nós entramos na Igreja, pensamos que íamos morrer porque eram bombas bazucas, tiros, tiroteios. Depois fomos recolher os corpos na rua. Uma situação inacreditável”⁴.

Este acontecimento deixou em Dom Luciano a consciência nítida da morte e um grande pesar por todas as pessoas que morreram naquela praça. Esse evento parece ter fortalecido em Dom Luciano a convicção de que a vida é, realmente, um Dom de Deus. Em meio a tantas bombas, ele pensou que iria também morrer e, se foi preservado, pensava, era não somente para ajudar e consolar as famílias daqueles mortos, mas para defender com a sua palavra e presença toda vez que a vida de alguém ou de um povo estivesse ameaçada. Pela sua declaração percebe-se a intensidade com que esse acontecimento o marcou:

⁴ Dom Oscar Romero, Arcebispo de San Salvador, foi assassinado enquanto celebrava a Eucaristia em 24 de março de 1980. O seu sepultamento foi em 30 de março. Havia 250 mil pessoas presentes na Missa de corpo presente celebrada em frente à catedral. Estima-se que cerca de 50 pessoas perderam a vida naquela ocasião. Dom Luciano foi um dos três bispos apenas que participavam dessa celebração, quando uma bomba explodiu na praça e começou enorme tiroteio (ALMEIDA, 2007, p. 55-56).

“Ainda hoje tenho o coração cheio de tristeza por aquelas vítimas, pelos milhares assassinados em El Salvador e por todas as pessoas atemorizadas por uma violência sem sentido” (OLIVERO, 2002, p. 52).

Tudo isso aconteceu em um Domingo de Ramos. Dom Luciano não só ajudou a recolher vários corpos, mas também absolveu muitas pessoas que sentindo aproximar-se da morte lhe pediram a unção. Ele permaneceu no local ajudando e só aceitou ir para um local seguro, para a embaixada brasileira no país, depois de uma hora da manhã, quando tudo o que ele poderia fazer já tinha sido feito em favor daquela pobre gente.

Tudo isso ele fez motivado pelo amor a Cristo, tanto que a Celebração da Eucaristia que havia sido interrompida pelas bombas e altares e cálices de vinho consagrado, caídos por terra, foi por ele retomada e concluída, ainda, naquela mesma madrugada quando chegou à embaixada. Para marcá-lo, ainda mais, ele ficou sabendo que o motorista da embaixada que no dia seguinte o trouxe ao aeroporto para voltar ao Brasil fora morto, na volta, por causa de uma grande pedra que caiu em seu carro enquanto atravessava um viaduto.

Dom Luciano, como profeta, não desanimou. Pelo contrário, continuou firme na vivência do amor e na denúncia de tantas injustiças. Ainda sobre esse ocorrido, não teve medo e deixou escrito tudo o que viu, passando a sua versão, naturalmente diferente da oficial, pois escrita na ótica dos perseguidos e injustiçados (OLIVERO, 2011, p. 53).

2.2 Grave acidente automobilístico

No dia 23 de fevereiro de 1990, quando voltava para Mariana-MG, na Rodovia dos Inconfidentes, na altura do km 43, em uma curva perigosa, próximo à cidade de Itabirito, Dom Luciano sofreu um grave acidente. Ele, sempre com a agenda cheia, estava voltando das reuniões da assembleia do CELAM em Bogotá, que havia acontecido nos dias 8 e 9 de fevereiro, da secretaria do Sínodo em Roma durante os dias 11 a 16 de fevereiro e da reunião da CNBB acontecida durante os dias 19 a 21 de fevereiro.

Dom Luciano sempre viajava na frente ao lado do motorista, padre Jaques. Nesse dia, porque tinha de aproveitar a viagem e escrever seu artigo semanal para a *Folha de São Paulo*, trocou com o Padre Ângelo Mósena que se sentou em seu lugar no banco da frente, ao lado do motorista.

Enquanto Dom Luciano vinha escrevendo seu artigo, sentado no banco traseiro, o chevette, em que viajava, ao passar por uma curva acentuada, derrapou, rodopiou e depois de bater na frente de um caminhão-tanque, chocou-se na proteção da pista. O padre Ângelo Mósena faleceu instantaneamente. Dom Luciano foi resgatado por uma pessoa que passava pela rodovia e que o colocou juntamente com o Padre Jaques em sua caminhoneta, levando-os rápido para o hospital Felício Roxo, em Belo Horizonte, onde, permanecendo internado por 12 dias, sofreu 14 intervenções cirúrgicas (SIMÕES, 2009, p. 59-61).

Dom Luciano não perdeu a memória em nenhum momento. Impossibilitado de comunicar-se verbalmente, iniciou, para a surpresa e alegria de todos, uma comunicação por meio de pequenos bilhetes, cujo conteúdo revela a grandeza de seu coração, a sua fé firme e a gratidão a Deus e às pessoas que estavam cuidando e rezando por ele. Esses bilhetes foram posteriormente recolhidos, formando um pequeno livro que nos passa mensagens preciosas de puro amor e gratidão (ALMEIDA, 1990).

Dentre as mensagens gostaríamos de destacar a sua primeira, a que escreveu ainda naquela quarta-feira de cinzas, dia do acidente, depois de uma série de cirurgias. “Deus é Bom; que se avise à família do Padre Ângelo; Como está o padre Jacques?” (ALMEIDA, 1990, p. 15). Essas suas três frases revelam bem o coração deste homem que, mesmo fragilizado, todo quebrado, não deixa de reconhecer a bondade e o amor de Deus. Ao escrever que Deus é Bom, ele revela não só com quem estava sintonizado em todo momento, mas, também nos mostra a sua grande confiança em Deus, que não desampara os seus filhos; não um Deus mágico que não nos deixa sofrer, mas um Deus solidário, que revela sua bondade e solidariedade em todos os momentos, mesmo em meio às nossas maiores dores. As outras duas frases citadas nos mostram também onde estava a sua preocupação. Neste momento humanamente tão difícil e para muitos, desesperador, Dom Luciano preenche a sua vida pensando em Deus e nos outros.

Dom Luciano nos ensina que, assim como Deus é bom e pensa em nós, manifesta a sua atenção e amor e nos ajuda a perceber a sua bondade, assim também devemos agir, tomar a iniciativa, sair de nós mesmos e nos interessar pelo bem do próximo.⁵ Na ocasião do

⁵ Vale a pena constatar que esse pensamento que Dom Luciano, já havia manifestado, em seu tempo, hoje é muito presente no ensino do também jesuíta o Papa Francisco. Penso que seja suficiente a seguinte passagem para que este paralelo comece a ser percebido: “Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar essa chamada: sair da

acidente, Dom Luciano enfraqueceu bastante, mas não perdeu a consciência. Segundo ele, o sofrer e passar por aquela experiência, ensinou-lhe muito:

A primeira lição é a de compreender melhor os que estão passando por isso, porque quando a gente está com saúde, corre, trabalha, a gente quer fazer o bem, mas não percebe muito como é difícil a vida para os outros que não podem andar, estão na cama, estão tristes, estão diminuídos. A segunda coisa muito importante para mim, que gostaria de lembrar, é que eu sentia dores muito fortes, e é claro [que] eu me abandonava em Deus e confiava em Deus e ficava assim um pouco na dependência total de Deus [...]. Eu ficava pensando mais nos outros do que em mim. Os outros sofrem mais do que eu, crianças, mulheres, idosos, e eu ainda estou forte aqui, bem tratado, acompanhado por tanta gente boa⁶.

Esse relato nos leva a dizer que a experiência desse acidente para Dom Luciano, e sua excelente recuperação, fortaleceram ainda mais nele a convicção de que a vida é realmente dom de Deus que alguém recebe para ser bom e fazer o bem. A interpretação que Dom Luciano fez de sua recuperação demonstrou a ele com clareza que não apenas estava no caminho certo, dedicando-se ao próximo, mas que deveria continuar com esse serviço de maneira mais intensa.

Dom Luiz Demétrio Valentini, na época, Bispo de Jales-SP, é uma das pessoas que, ao ouvir Dom Luciano falar sobre a experiência do acidente, comunga dessa mesma opinião. A experiência desse fato se tornou não apenas um referencial para Dom Luciano, mas um impulso forte para a sua contínua e total dedicação ao Reino.

Era muito gratificante conversar com ele e recordar lances de sua vida que traduziam sua profunda confiança na providência, que ele expressava com serenidade [...]. Ele recordava com discrição o acidente, que lhe tinha causado nada menos que 27 fraturas por todo o corpo, e assim mesmo sobrevivera. Essa lembrança parecia estimulá-lo a colocar com maior generosidade a serviço a vida que a providência tinha salvado da morte. Essa confiança na providência permitia a Dom Luciano assumir compromissos arriscados, que para outros seriam loucura, mas para ele estavam sob medida. Na medida de sua exímia caridade (VALENTINI, 2008, p. 157).

2.3 Conhecimento do Cardeal Vietnamita Van Thuán

Dom Luciano conheceu pessoalmente o Cardeal São François-Xavier Nguyen Van Thuán, Arcebispo da então Saigon, hoje Ho Chi Minh, que esteve detido em um campo

própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho". (PAPA FRANCISCO, 2013, n. 20).

⁶ Ver: ALMEIDA, no "Programa Roda viva", disponível em <<http://www.rodaviva.fapesp.br>>. Acessado em 01 de junho de 2013.

de reeducação por treze anos, dos quais nove em prisão solitária. Em 1988 foi libertado e expulso do Vietnã.

Chamado a Roma pelo Papa São João Paulo II, atuou no Pontifício Conselho Justiça e Paz, primeiro como vice-presidente e, depois, como presidente. Desde 21 de fevereiro de 2001, fez parte do colégio cardinalício. Faleceu em Roma, de câncer, em 2002, com 70 anos (VAN THUÁN, 2002, p. 9-10).

Dom Luciano afirma que ter conhecido e conversado com esse Cardeal o levou a aprender muito, inclusive que diante dos grandes problemas que afligem a humanidade não devemos desanimar, mas acreditar sempre na força do bem, pois é Deus quem guia a humanidade.

Van Thuán é um homem que nos chama, pelo seu exemplo, a abandonar-nos totalmente nas mãos de Deus. O seu desapego dos bens materiais, o perdão aos que o perseguiram, a paciência na doença e nos sofrimentos, seu zelo pela justiça e paz, sua entrega ardorosa a Jesus Cristo, a serviço do Reino, nos ensinam muito e podem também nos marcar profundamente como aconteceu com Dom Luciano que disse: “Minha vida mudou depois de tê-lo encontrado” (VAN THUÁN, 2002, p. 10).

Com referência à história de vida desse Cardeal, Dom Luciano explicava que tudo, realmente, concorre para o bem daqueles que amam a Deus. Mesmo com uma história dolorida, cheia de incompreensões por parte de muitos, pode-se viver em paz e se sentir seguro, consciente do amor de Deus para com o homem em qualquer situação. Nos momentos difíceis que, às vezes, a vida nos oferece, por exemplo, nas doenças ou provações não devemos esperar nem pedir tantos milagres, nem soluções grandiosas, mas fazer a experiência da presença amorosa de Deus também no sofrimento, na curtição da vida assumida na paz e no amor, sem privilégios. Esta é a lição que Dom Luciano teve ao conhecer o Cardeal Van Thuán.

Ele realmente alimentou em mim uma das lições mais belas, que é a de entender que o mundo não precisa de outra luz que não seja a paixão de Cristo, vivida por amor, e ajudando a humanidade, no decorrer da história, a viver na solidariedade, um amparando o outro, no crescimento da fé, nas experiências de vida, nas alternâncias do diálogo (ALMEIDA, 2007, p. 58).

Penso que o encontro com o Cardeal Van Thuán, foi decisivo e encorajador para que Dom Luciano pudesse viver até os últimos momentos na entrega confiante ao Pai. O Cardeal,

ao partilhar com Dom Luciano os anos de sofrimentos enfrentados, fez com que ele entendesse muito mais e percebesse a importância de viver intensamente e encontrar um sentido para a existência em toda ocasião, ainda que adversa.

Esse fato foi também paradigmático porque fez Dom Luciano continuar ensinando com convicção que devemos viver unidos, neste mundo, ao mistério da encarnação e redenção de Jesus:

Em Jo 17,20: “Pai, eu não te peço que os tires do mundo”, quer dizer, aqueles que são discípulos do Cristo, que assumem o amor, que vivem fazendo o bem, que pagam o mal como bem, permanecem no mundo sem privilégios, sem milagres, suportando até o campo de concentração ou uma prisão como foi o caso do Van Thuán, o Cardeal santo. E aí está a compreensão do Cristo: que ele nos ama quando nos deixa sem privilégios, viver a vida humana. E oferecer essa vivência como solidariedade com aqueles que não estão, digamos assim convertidos, mas que pela convivência no amor, vão se despertando para um projeto divino da salvação (ALMEIDA, 2007, p. 53-54).

3. MEMÓRIA TEOLÓGICA COMO GRAÇA ATUALIZADORA DO AMOR DE DEUS EM NÓS.

Ao amarmos o próximo estaremos atualizando o próprio amor de Jesus pela humanidade que, ao deixar o mandamento do amor, pediu que nos amássemos uns aos outros como ele nos amou (Jo 15, 12).

A presença amorosa de Deus atua sempre em nós, nos capacitando para o exercício do amor. Bastam somente nossa disponibilidade e abertura à realização de sua vontade, a qual se encontra sempre solícita a nos fortalecer e a nos guiar no caminho do bem, de maneira coerente e fiel, segundo a essência do nosso criador (1 Jo 4, 16).

A pessoa humana, mesmo afetada pelo pecado, é capaz de escutar na intimidade do seu ser uma voz que constantemente a chama para se realizar no caminho do bem⁷. Quando o homem, muitas vezes, no silêncio do seu coração, ouve essa voz e deixa-se por ela interpelar e conduzir, torna-se capaz de desencadear em si e em sua comunidade um processo vital sumamente transformador. Sendo Deus amor, o homem criado por Ele, à

⁷ Concilium Oecumenicum VATICANUM II, *Gaudium et Spes* (07 Decembris 1965), Constitutio Pastoralis de Ecclesia in Mundo Huius Temporis, in *AAS* 58 (1966) 1025-1115, n. 16.

sua imagem e semelhança, não escapa a essa realidade. No mandamento do amor se expressa bem essa potência divina presente no coração de cada homem.

Somos capazes de amar e, ao amar a Deus por meio do amor ao nosso semelhante, atualizamos pela gratuidade a caridade divina. “Amái-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15, 12). Aquele que ama desse modo a Deus cumpre toda justiça para com o próximo e experimenta em sua vida algo divino, a alegria do amor prioritário. Nesse sentido, podemos sem dúvida afirmar que a caridade é um movimento do amor que nasce de Deus e para ele retorna, assumindo ontologicamente e dinamizando eticamente toda a nossa existência (COZZOLI, 2010, p. 200).

Para Dom Luciano, esse processo de transformação de cunho existencial que ocorre no coração do homem, pela graça divina de quem se abre para Deus e se mantém na mesma caridade e possibilita a vivência pessoal da justiça, possui claras repercussões tanto em nível social quanto na vivência da comunidade Igreja. Essa transformação inicia-se quando a pessoa ultrapassa a exterioridade de suas vivências cotidianas, muitas vezes compostas por necessidades e expectativas suscitadas pelo mercado, pela tecnologia e pela mídia, e imerge na sua interioridade. Segundo ele, esse processo interior faz com que a pessoa experimente em sua vida um grande paradoxo. De um lado, o ser humano se sente insuficiente, carente de sentido e incompleto, tendo nítida consciência de que não se fundamenta a si mesmo. Com isso, a pessoa se percebe frágil, carente e se sente incapaz de conferir um sentido autônomo à sua própria existência.

Por outro lado, pela sua capacidade de abertura para com o outro e para com o próprio Deus, demonstrado na relação para com ambos, a pessoa se sente plena em sua dignidade e consciente da posse de muitos e importantes valores, decorrentes da autenticidade dessa relação. A partir dessa constatação relacional, percebe-se que, realmente, a pessoa que se abre conscientemente para a existência, no diálogo com Deus, razão de sua vida, jamais excluirá o outro, pois a relação íntima para com Deus requer a verdadeira inclusão amorosa do semelhante (1Jo 4, 20).

Pela abertura relacional do homem com o divino e com o seu semelhante, muitos e variados vínculos se estabelecem. Devido a esses laços, o ser humano não se perde e não se prende à solidão. Para Dom Luciano, a solidão acontece quando o homem entra em si e se encontra solitário, tendo como referência apenas a si mesmo. “Esse eu e eu é

altamente decepcionante, porque nos deixa também com a nostalgia, com a saudade do contato com as outras pessoas. De modo que uma pessoa adulta, que não é uma criança e que já tem muitas solicitações de relacionamentos, quando entra dentro de si, a experiência que ela tem é terrível, porque ela é ela só, esse eu e eu” (ALMEIDA, 1971)⁸.

O homem, desde cedo, procura sair desse isolamento buscando ficar perto de alguém. Desse modo, segundo Dom Luciano, surge o primeiro tipo de presença que ele denomina apenas de física. Um segundo tipo, foi por ele designado como imaginativa. Essa presença não é mais estar ao lado de, mas é colocar-se, pela construção interior, como se estivesse ao lado de alguém. Essa presença ainda é muito pobre, pois é apenas uma evidência da presença física. A imaginação acaba revivendo em mim a alegria de um contato simplesmente físico (ALMEIDA, 1971). Outro tipo de presença que sucede, chama-se afetiva. Nessa, alguém se torna interior ao outro por meio do amor. É típico da pessoa humana se encontrar na presença de alguém sem estar necessariamente diante desse alguém, conforme afirma Dom Luciano: “Há pessoas que moram dentro da nossa vida consciente e ali se introduzem porque nós a interiorizamos livres no amor. Tudo isso é limitado pelo sinal. É alimentado pela expectativa do sinal, envolvido naquele silêncio do amor” (ALMEIDA, 1971).

De fato, a presença afetiva marca todo amor humano. Essa presença garante a presença ativa do filho ausente no regaço materno. A certeza do amor pela namorada faz com que a presença dela resida dentro do namorado ou vice-versa. É certo que cada pessoa carrega dentro de si várias presenças afetivas.

3.1 Deus nos ama em tempo real.

Segundo Dom Luciano, o amor humano entre duas pessoas, por mais verdadeiro que seja, é limitado, pois necessita da linguagem e de sinais sensíveis para se expressar. Devido à presença afetiva caracterizada pelo amor, o homem descobre que não está sozinho, ele é capaz de ir criando laços de profundo amor e amizade, e se compromete cada vez mais com o amado. Esse direcionar para o outro nos leva a nos importarmos com toda a humanidade. Para Dom Luciano, a experiência profunda de Deus, o se sentir amado

⁸ “Curso de Interiorização” (1971). Mimeografado, disponível no Centro de Documentação Dom Luciano, Arquidiocese de Mariana, no Antigo Palácio dos Bispos na parte de cursos e palestras.

imediatamente por Ele, no mais íntimo do ser, possibilita à pessoa atualizar a caridade, de tal forma que o seu modo de viver transborde em ações verdadeiramente éticas e justas.

3.2 É preciso efetivar a fraternidade, dádiva do cristianismo.

Muitos procuram a justiça e a solidariedade. Graças a Deus! Mas só nós cristãos podemos fundamentar adequadamente a fraternidade. Sua raiz é a certeza que Jesus nos dá de que Deus é nosso Pai, Pai de todos os homens. Em seu amor infinito ama a todos, e a todos confere a mesma dignidade. É por isso que somos irmãos, destinados a construir uma sociedade fraterna. É esse amor cristão que nos dá força para vencer o egoísmo e animar as formas fraternas de convivência e partilha, que anunciam nesta terra o Reino de Deus (ALMEIDA, 1996, p. 54).

Nessa reflexão, Dom Luciano indica que a caridade, em seu sentido pleno, é que nos ilumina e nos faz bons. Da atuação dessa virtude decorrem o sentido e a finalidade do comportar-se ético, da busca pela justiça e, também da vivência solidária. Essas ações são boas, mas, se não vêm acompanhadas da caridade de quem as pratica, são limitadas e insuficientes para a construção de uma sociedade digna da grandeza do ser humano. Para Dom Luciano, o valor mais importante seriam os atos de doação fraterna que despertariam pouco a pouco a consciência de um povo para vencer o egoísmo e a cegueira do coração. Ele intui que a pessoa humana precisa ir além da reivindicação dos direitos de cidadãos, que ainda pode conter o egoísmo, que leva o homem a buscar apenas seus próprios direitos, sem levar em conta o direito do outro. “Não basta que cada um valorize a própria vida. É preciso aprender a amar a vida do próximo, a ponto de respeitá-la e promovê-la à custa de ingentes sacrifícios” (ALMEIDA, 1987, p. 32). Ele parece indicar que para além de simples cidadãos, devemos tomar consciência de que somos realmente irmãos. É preciso evoluir da cidadania para a fraternidade. Para ele essa mudança é possível quando sairmos de nós e considerarmos o outro mais importante. Então não basta ser também só irmãos, é preciso que cada um considere o seu irmão mais importante. Pensando e agindo assim, a vida é respeitada e uma sociedade digna da pessoa humana acontece: “Essa sociedade será redimida, será libertada no momento em que cada pessoa humana discernir no seu irmão alguém que é mais importante, mais valioso do que ele mesmo” (ALMEIDA, [1971?], p. 10-11)⁹.

⁹ “Educação, sociedade e participação” [1971]. Material mimeografado, disponível no Centro de Documentação Dom Luciano, Arquidiocese de Mariana, parte de livros, 10-11.

De fato, somente o amor, em um horizonte de fé alargado pela compreensão da fraternidade humana e cristã, fundamentado na dignidade pessoal dos filhos de Deus, é capaz de nos levar à construção de uma sociedade, não apenas justa e solidária, mas, realmente fraterna.

Para isso acontecer, no dizer de Dom Luciano, é indispensável a conversão pessoal, é preciso tirar do coração o egoísmo: “A sociedade justa e fraterna tem por condição necessária a conversão cotidiana do nosso coração, que acarreta e garante a transformação maior da inteira sociedade” (ALMEIDA, 1996, p. 54).

O modo de comportar-se da sociedade, para Dom Luciano, não se explica apenas em chave puramente sociológica. Segundo ele, é preciso um olhar de fé para entendermos que, realmente, as muitas injustiças, conflitos e maldades, instaladas nas estruturas sociais, são frutos do pecado, causado pela fragilidade da liberdade humana, ainda marcada pela convivência do homem com o egoísmo interior. Dom Luciano, fascinado pelo presente, via nesse mundo a maldade humana e se entristecia, mas pela sua fé e certeza de que o filho de Deus já havia iniciado o seu Reino, nunca perdera a esperança de ver uma sociedade melhor, transformada pelo anúncio do Evangelho. Ele acreditava na possibilidade das pessoas se converterem aos valores cristãos. Ele via a necessidade de vencer as injustiças instaladas na sociedade e percebia claramente de onde elas se originavam. Era cômico de que elas eram fortes e difíceis de serem combatidas, de modo que carecia da firmeza e ação de todos para essa grande empreitada. Para ele, não bastaria criticar os governos e estruturas, seria preciso que cada um assumisse sua responsabilidade pessoal, se redimindo, intensificando ainda mais a evangelização:

Não se trata de ações isoladas. É preciso atingir as falhas do sistema que institucionalizou a injustiça e o empobrecimento da nação. Nossa crítica não é contra o governo. Vale para toda a sociedade em que vivemos e da qual participamos. Somos corresponsáveis, lamentavelmente dessa injustiça institucionalizada. Respondemos aos clamores do povo com a ação evangelizadora (ALMEIDA, 1996, p. 53-54).

Na relação entre justiça e caridade, aparece nitidamente a necessidade da oração, esse encontro interior, pessoal com Cristo, que nos chama à conversão e nos ilumina a consciência para o sublime valor da fraternidade, sem a qual nossa vida cristã se tornaria superficial e incompleta. Dom Luciano defendia a necessidade de um encontro íntimo da pessoa com Deus para a instauração da paz e o fim da violência. Para ele, esse encontro

é possível no íntimo de cada pessoa com o seu criador e como consequência do diálogo amoroso a paz ressurgiria. Pois, segundo ele, a raiz da paz está na consciência que não pode ser violentada. Tal ato impediria o outro de fazer opções profundas, causando opressão e gerando respostas violentas, que destruiriam a harmonia no íntimo do indivíduo e da sociedade (ALMEIDA, 1997, p. 251). Para Dom Luciano, é possível e necessária a transformação da sociedade para melhor, porém, para ele, é evidente que essa transformação não virá simplesmente pela força da justiça em si, mas, pela justiça iluminada e, muitas vezes, corrigida pela força do amor.

3.3 Reproposta da caridade, centro da vida cristã.

Fala-se muito do mundo possível. É verdade. Creio que podemos acreditar que outra sociedade é possível, marcada pela justiça, desde que o mandamento de Cristo na Eucaristia, o amor gratuito, seja a lei interior de nossa vida e da sociedade. Na força da Eucaristia podemos com auxílio divino vencer o ódio com amor, a violência com a paz, a discórdia com a reconciliação e o desespero com a esperança. O segredo da transformação da sociedade está na mudança das relações humanas. A grande luz encontra-se no preceito do amor gratuito, à imitação do amor divino (ALMEIDA, 2006, p. 383).

Essa citação nos faz ver a profundidade do pensamento teológico de Dom Luciano. Mesmo percebendo que a sociedade não estava bem por causa da injustiça, ele acreditava que para melhorá-la era preciso algo mais. Acredito que aqui se encontra uma chave de interpretação de seu pensamento. Ele não despreza a justiça, mas não a apresenta simplesmente como solução para resolver os desafios de uma sociedade. Ele coloca como ponto de partida e valor a ser ativado no coração do homem o amor gratuito.

À medida que o homem vivesse, de fato, o amor e tivesse a iniciativa constante de amar, muitas questões sociais drásticas seriam resolvidas. Mas, se esse viesse a faltar no coração do homem, não haveria justiça humana capaz de solucionar os grandes problemas sociais. Ele acreditava que a fonte da injustiça estava no egoísmo, no ódio que existe dentro de muitos corações humanos que rejeitaram o amor.

Dom Luciano, mesmo defendendo os valores sociais, o direito dos índios, a reforma agrária, não se esquecia de anunciar os valores do Evangelho e as exigências do amor e a necessidade da conversão, como garantia das mudanças sociais. Ele via sempre o amor como princípio das ações boas e duradouras, em favor do homem e de toda sociedade.

Discute-se o Estatuto da Terra. Fala-se de justiça agrária e de novos direitos assegurados pela futura Constituinte. Talvez nos esqueçamos de que para

superar o ciclo de ganância e da violência é preciso algo mais. É preciso o Evangelho. Entre os bens pessoais e a vida do irmão, prevalece a exigência do amor. O próximo passa em primeiro lugar. Só assim haverá felicidade entre os homens. Dinheiro e terra nunca farão feliz a ninguém. Feliz é quem faz os outros felizes (ALMEIDA, 1995b, p. 2).

Dom Luciano, profeta, profundo conhecedor de realidades injustas, se entristecia quando percebia corações fechados, incapazes de perdoar. Pois sem perdão ele sabia da impossibilidade de transformações profundas e benéficas em nível social. Não havendo perdão, o egoísmo continuaria reinante, o homem não se resolveria e a sociedade se deteriorava.

Ele sabia que na raiz de muitos males estavam, de fato, o egoísmo e a falta de exercício do perdão. Aliás, a falta do perdão entre as pessoas era causa de um dos seus maiores sofrimentos. "Entre as coisas que me fazem sofrer, está a dor que existe no mundo. Parece-me uma violência a dificuldade que as pessoas sentem em abrir-se ao perdão, sobretudo na vida conjugal, de saber reconciliar-se com o outro, vendo também os seus méritos" (OLIVERO, 2002, p. 36). Ao insistir com o amor como centro da vida humana e das relações, Dom Luciano, realça a novidade do cristianismo e tenta oferecer um caminho de reconstrução, sem abdicar da justiça, mas incentivando em todos um sentimento que para ele era mais abrangente e original, a fraternidade cristã.

A nova sociedade requer homens e mulheres novos. Todos são chamados a colaborar, especialmente nós, cristãos, na interioridade da oração pessoal, na docilidade aos ensinamentos do Evangelho. A nossa vida comunitária deve alcançar, no interior, um relacionamento fraterno sempre mais estreito e, no exterior, relações profundas com os ambientes em que trabalhamos, vivemos, oferecendo-lhes os valores perenes e sempre novos do Evangelho. É preciso semear este discurso no coração humano e juntar-se para construir, no respeito à liberdade e à dignidade de todas as pessoas humanas, uma sociedade na qual seja pleno o exercício dos próprios direitos (OLIVERO, 2002, p. 76).

Revisitando a reflexão de Dom Luciano nesses dias, percebemos mais uma vez a sua extrema atualidade. Vivemos tempos difíceis! Em nível mundial, basta perceber quantos imigrantes estão sendo mortos ao deixarem o seu país na tentativa de fugir de tamanha violência desencadeada pela ganância e pela falta de amor e de reconhecimento da dignidade humana¹⁰. Em nível nacional, quanta corrupção e violência! No nosso estado de Minas Gerais, em Mariana, e mais recentemente em Brumadinho, quantas pessoas

¹⁰ Sobre esta questão, ver Jornal *Globo*, Entenda situação de países de onde saem milhares de imigrantes Europa, disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia>>. Acesso 15 de setembro de 2016.

foram mortas devido a lama das barragens de rejeitos de mineradoras, que visando mais os lucros não podem se eximir da culpa de terem sido responsáveis pela morte de centenas de pessoas e de animais e degradaram drasticamente o meio ambiente.

Sabemos que a transformação social passa por uma ordem política sadia. Essa ordem inclui uma política bem organizada e atenta que resolva os grandes desafios nacionais e internacionais. Em meio a tantos conflitos e guerras, somente a justiça não resolve todos os problemas. O mundo precisa contar com o amor e com o perdão, efetivamente, como lembra Dom Luciano: “A mera justiça não restitui a paz, requer-se a força do amor e do perdão” (ALMEIDA, 1985, p. 2). A força do testemunho de pessoas marcadas pelo amor que sabem respeitar o próximo, prezando pela dignidade da vida humana é o exemplo deixado por este Bispo a todos como possibilidade e meio para o início de reestruturação de toda uma sociedade no bem. Segundo ele, todas as pessoas, especialmente os cristãos, que desejam contribuir para a resolução de muitos e enormes problemas e conflitos atuais, não podem transcurar a “grandeza de perdoar e o empenho para não incidir no erro” (ALMEIDA, 1985, p. 2).

4 A FORÇA DO TESTEMUNHO

Dom Luciano, ao viver o cristianismo, foi coerente com a vontade de Jesus que veio para todos, começando pelos mais sofridos e abandonados. Em muitos de seus artigos fica clara a sua opção pelos marginalizados, cujos direitos ele defendia e reivindicava, mostrando que a vida cristã é caminho de coerência, retidão, justiça e caridade. Ele lamentava quando os cristãos, não vivendo a sua fé, não tinham condições de denunciar as injustiças presentes no mundo, pela autoridade do próprio testemunho. “É pena que a América Latina, onde vive a maior população de cristãos, não possa questionar o restante da humanidade a partir da própria vivência. Também nós temos, infelizmente, incoerências. Nosso continente abriga injustiças graves demais para podermos falar com a autoridade do testemunho” (ALMEIDA, 1985, p. 2). Nesse aspecto, a vida de Dom Luciano, com seus gestos e atitudes, tem muito a nos ensinar, pois ele soube viver

plenamente essa categoria do “testemunho” que na concepção pós-conciliar, significa correspondência entre o Evangelho e a vida¹¹.

Não é por acaso que ele foi citado pelo próprio Papa Francisco em seu discurso dirigido ao episcopado brasileiro por ocasião de sua primeira visita apostólica ao Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, aos 27 de Julho de 2013, entre aqueles que segundo o Pontífice, “deixaram marcas indeléveis no caminho da Igreja, no Brasil, fazendo palpar com a mão a grande bondade de Deus por esta Igreja”¹². Com o exemplo de sua vida, Dom Luciano, despretensiosamente conseguiu atingir não apenas os seus diocesanos, as pessoas particulares com quem se encontrava, mas toda a Igreja que caminha no Brasil. E por ser a Igreja católica una, a ação e vida dele, embora mais localizada, nesse país, não deixou de contribuir por meio do seu testemunho para que, em toda a Igreja, se manifestem de maneira mais palpável a bondade e a misericórdia de Deus¹³.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, L.M. de. Curso de Interiorização, 1971. Mimeografado, disponível no Centro de Documentação Dom Luciano, Arquidiocese de Mariana, no Antigo Palácio dos Bispos na parte de cursos e palestras.

¹¹ AG 11.24.37; GS 28.38. Para o CONCÍLIO VATICANO II, todo cristão tem a missão de tornar crível o Evangelho pela sua vida coerente de fé.

¹² Após agradecer o trabalho abnegado dos bispos do Brasil nas suas diversas e dificultosas realidades e regiões, o Papa citou, em nota de rodapé, alguns nomes de bispos que, dentre outros, foram instrumentos palpáveis da bondade de Deus por esta Igreja, ou seja, pessoas que pelo seu exemplo de vida e de caridade marcaram de maneira forte e positivamente a caminhada, o rosto desta Igreja presente nessa nação. “Penso em tantas figuras como, somente para citar algumas: Lorscheider, *Mendes de Almeida* (grifo nosso), Sales, Vital, Câmara, Macedo... juntamente com o primeiro Bispo brasileiro Pero Fernandes Sardinha (1551/1556), assassinado por belicosas tribos locais”. Ver discurso de Papa Francisco no encontro com o episcopado brasileiro, em 27/07/2013, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.catequesehoje.org.br/index.php/outro-olhar/catequese-e-modernidade/489-discurso-do-papa-ao-episcopado-brasileiro>>. Acesso em 30 de dezembro de 2015.

¹³ A base para esse raciocínio se encontra, no que o magistério nos ensina na *Lumen gentium* quando fala da universalidade ou catolicidade do único povo de Deus, mais precisamente quando afirma: Em virtude desta catolicidade, cada uma das partes traz seus próprios dons às demais partes e a toda a Igreja. Assim o todo e cada uma das partes aumentam comunicando entre si todas as riquezas e aspirando a plenitude na unidade”. *LG*, n. 13. Confere também no *Código de Direito Canônico*: “As Igrejas particulares, nas quais e das quais se constitui a uma e única Igreja católica, são primeiramente as dioceses, às quais se equiparam, não constando o contrário, a prelazia territorial, a abadia territorial, o vicariato apostólico, a prefeitura apostólica e a administração apostólica estavelmente erigida” (Cân. n. 368).

- _____. Educação, sociedade e participação. [1971?]. Material mimeografado, disponível no Centro de Documentação Dom Luciano, Arquidiocese de Mariana, parte de livros, 10-11.
- _____. Para além do apartheid, *Folha de São Paulo*, São Paulo, 24 agosto 1985, p. 2.
- _____. *O direito de viver*. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 1987.
- _____. In: MENDES, Cândido; AZEVEDO, Marcelo Carvalho de (Orgs.). *Bilhetes de Dom Luciano*. São Paulo: Loyola, 1990.
- _____. Meu Pai. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 maio 1995a, p. 2.
- _____. Terra e amor. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 junho 1995b, p. 2.
- _____. *Jesus Cristo Luz da Vida Consagrada*. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. *A serviço da vida e da esperança: mensagens às famílias cristãs*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- _____. Há cem anos, nascia minha mãe. In: ARQUIDIOCESE DE MARIANA, *Dom Luciano Luz, ternura e serviço*. Jubileu de prata episcopal. Mariana: Dom Viçoso, 2001, p. 18-19.
- _____. Eucaristia e transformação da sociedade, *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, n. 38, ano 2006, p. 383.
- _____. Palavras de agradecimento de Dom Luciano. In: PAUL, Cláudio (Org.), *Doctor Amoris causa*. São Paulo: Loyola, 2007, p. 55-56.
- _____. Programa Roda viva. Disponível em: <<http://www.rodaviva.fapesp.br>>. Acessado em 01/06/2013.
- CÓDIGO DE DIREITO CANÔNICO. Tradução CNBB. São Paulo: Loyola, 2001.
- CONCILIUM OECUMENICUM VATICANUM II: *Gaudium et Spes* (07 Decembris 1965)
- COPPI, Paulo de; HEERDT, Mauri Luiz. *Profetas do Reino*. São Paulo: *Mundo e Missão*, 1998.
- COZZOLI, Mauro. *Etica teologale*. Fede, Carità, Speranza. San Paolo: Cinisello Balsamo 2010.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II (1962-1965). Tradução Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997.
- DONEGANA, Costanzo; DIAS, Paulo da Rocha. Apaixonado por Cristo e pelos pobres, *Mundo e Missão*, São Paulo, n. 55, set. 2001, p. 20.
- GLOBO. Entenda situação de países de onde saem milhares de imigrantes europa, *Globo*. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/08/entenda-situacao-de-paises-de-onde-saem-milhares-de-imigrantes-europa.html>>. Acesso 15 set. 2016.

- MENDES, Cândido; AZEVEDO, Marcelo Carvalho de (Orgs.). *Bilhetes de Dom Luciano*. São Paulo: Loyola, 1990.
- OLIVERO, Ernesto. *Unidos em favor da Paz: Diálogos com Dom Luciano Mendes de Almeida*. São Paulo: Loyola, 2002.
- _____. *Dio non guarda l'orologio*. Torino: Priuri & Verlucca, 2011.
- PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 24 nov. 2013.
- _____. Discurso do santo Padre no encontro com o episcopado brasileiro, em 27/07/2013, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.catequesehoje.org.br/index.php/outro-olhar/catequese-e-modernidade/489-discurso-do-papa-ao-episcopado-brasileiro>>. Acesso em 30 de dezembro de 2015.
- PAUL, Cláudio (Org.). *Doctor Amoris causa*. São Paulo: Loyola, 2007.
- QUEVEDO, Luiz Gonzalez. A Espiritualidade inaciana na vida de Dom Luciano. In: _____. *A Mãe do Senhor na Colina*, n. 7, ano 2007, p. 19-31.
- SANTOS, Pedro Paulo Cristovam dos. O jesuíta Dom Luciano. In: ARQUIDIOCESE DE MARIANA (Org.). *Dom Luciano Luz, Ternura e Serviço: Jubileu de Prata Episcopal*. Mariana: Dom Viçoso, 2001, p. 33-34.
- SIMÕES, Neusa Quirino. *Em Nome de Jesus passou fazendo o bem*. Lembrança de Dom Luciano Mendes de Almeida. São Paulo: Loyola, 2009.
- VALENTINI, Dom Luiz Demétrio. Dom Luciano Mendes de Almeida. In: ARROCHELLAS, Maria Helena (Org.), *Deus é bom: homenagem a Dom Luciano*. São Paulo: Paulinas; Rio de Janeiro: EDUCAM, 2008, p. 156-173.
- VAN THUÁN, François-Xavier Nguygên. *Testemunhas da Esperança*. São Paulo: Cidade Nova, 2002.